

MUNDORAMA

MUNDORAMA.NET *TERRARUM TABULA* VOLUME 2 - JANEIRO - DEZEMBRO - 2008



TEMAS DA NOSSA AGENDA

ARTIGOS,
CONJUNTURA,
EVENTOS,
BIBLIOTECA

*CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO
LABORATÓRIO DO INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Table of Contents

Prêmio para monografia, dissertação e tese sobre os Estados Unidos da América	1
Iraque: a emergência do conflito civil, por Virgílio Arraes	2
Zimbábue: renovação ou caos, por Pio Penna Filho	3
A África na Política Externa Brasileira, por Diego Araújo Campos	4
Resenha do livro “As relações internacionais da Ásia e da África”, de Paulo Fagundes Vizentini, por Fagner dos Santos Carvalho	5
Governo do Japão oferece bolsas de estudos de pós-graduação	6
China e Índia - “Chindia”: vasto espaço para a convivência entre diferentes culturas, por Paulo Antônio Pereira Pinto	7
China e Estados Unidos: rivalidades geopolíticas e a questão militar, por João Fábio Bertonha	8
A globalização da Amazônia, por Alberto Teixeira da Silva	9
Política Externa e Soft Power: O Papel da União Européia em Kosovo Independente, por Rafael da Soler	10
A Independência do Kosovo: Uma Peça no Complicado Jogo da Rússia, Estados Unidos e União Européia, por Adalgisa Bozi Soares	11
Teses sobre o novo império e o cenário político-estratégico mundial: Os Estados Unidos e o Brasil nas relações internacionais, por Paulo Roberto de Almeida	12
Inscrições abertas para bolsas de jornalismo na ONU	13
Curso “A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO: GESTÃO DO CICLO DO PROJETO” - NUPRI-USP	14
A crise tripartite: entre revitalização do multilateralismo e regionalização da questão das FARC, por Pablo P. Sampedro Romero	15
Ajustes e desajustes do sistema sul-americano, por Thiago Gehre Galvão	16
Sucessão presidencial em Cuba: a abertura “lenta, segura e gradual” de Raúl Castro, por Rodrigo Wiese Randig	17
Resenha de “As relações em eixo franco-alemãs e as relações em eixo argentino-brasileiras: gênese dos processos de integração”, de Raquel Cristina de Caria Patrício, por Danilo Vergani Machado	18
Novo governo de Berlusconi: a questão da governabilidade e os desafios domésticos, por Diogo Mamoru Ide	19
Se Hayek conhecesse o “socialismo bolivariano”..., por Tiago Wolff Beckert	20
A vigésima Reunião de Cúpula da OTAN em Bucareste: Europa entre Estados Unidos e Putin, por Xaman Korai Pinheiro Minillo	21
Cambio con continuidad o continuidad sin cambio: um balanço dos 150 dias de governo de Cristina Kirchner, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro	22
Balanço das relações Rússia-Geórgia: instrumentalização do separatismo em estratégias de afirmação regional, por Pablo P. Sampedro Romero	23
Separatismo na Geórgia: Considerações Geopolíticas e Etnicidades, por Adalgisa Bozi Soares	24
A atuação da comunidade internacional como um imperativo para a resolução da crise mundial de alimentos, por Wilson Tadashi Muraki Junior	25
Boletim Meridiano 47 - No. 93 - Abril/2008	26
Boletim Mundorama - No. 8 - Abril/2008	27

Prêmio para monografia, dissertação e tese sobre os Estados Unidos da América

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

A Embaixada dos Estados Unidos lança o prêmio Franklin Delano Roosevelt de Estudos sobre os Estados Unidos. Franklin Delano Roosevelt, o 32º presidente dos EUA, foi o escolhido para dar nome a este prêmio pelo que representou: foi um homem que assumiu o governo em uma das maiores crises econômicas que afligiu os Estados Unidos em todos os tempos - entretanto, sua criatividade e persistência colocaram a nação do rumo da recuperação com o bem sucedido New Deal. Como presidente, foi multilateralista, incansavelmente perseguindo a política de boa vizinhança. Durante a II Guerra Mundial, trabalhou com os aliados para combater as ameaças à democracia e à liberdade dos povos. FDR sabia que países enfrentam problemas de relacionamento, e idealizou um fórum onde esses problemas pudessem ser resolvidos - as Nações Unidas. Esta disposição para enfrentar desafios e procurar soluções criativas e inovadoras vinha de sua luta pessoal. Aos 39 anos, contraiu poliomielite, e passou o resto de seus dias (inclusive seus três mandatos como presidente dos EUA) em uma cadeira de rodas.

É este espírito aberto e inovador que esperamos que os candidatos ao prêmio demonstrem ao fazerem suas pesquisas.

O Prêmio Franklin Delano Roosevelt de Ciências Sociais é uma promoção da Embaixada dos Estados Unidos da América e será atribuído uma vez por ano aos melhores trabalhos em níveis de graduação (monografia de conclusão), mestrado (dissertação) e doutorado (tese), com um prêmio em dinheiro para cada um desses níveis.

Cada edição anual do prêmio contemplará as seguintes áreas de saber: relações internacionais, sociologia, história, antropologia, ciência política, economia, direito e geografia, que sejam, preferencialmente, de natureza interdisciplinar.

O concurso é de âmbito nacional, com ampla divulgação, e premiará trabalhos de alunos brasileiros regularmente matriculados em universidades no Brasil. Serão habilitados a concorrer aos prêmios trabalhos que abordem aspectos da realidade dos Estados Unidos.

Para cada nível de premiação (graduação, mestrado e doutorado), será exigido o número mínimo de cinco trabalhos inscritos.

Haverá três categorias de prêmios: melhor monografia, melhor dissertação e melhor tese com uma quantia em dinheiro, com os valores seguintes:

- Melhor Monografia US\$ 1.500,00
- Melhor Dissertação US\$ 2.000,00
- Melhor Tese US\$ 4.000,00

As inscrições de trabalhos se darão de 1 de março a 31 de julho e informações adicionais podem ser obtidas pelo e-mail galantevv@state.gov.

Iraque: a emergência do conflito civil, por Virgílio Arraes

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Na presente campanha presidencial nos Estados Unidos, debate-se bastante sobre qual seria a melhor forma - além do momento mais conveniente - de retirada das tropas da aliança anglo-americana do território iraquiano. No entanto, pouco se menciona sobre o turbulento legado já entregue, saliente-se, à população local. Independentemente do momento de retorno dos efetivos transatlânticos, a guerra civil no Iraque permanecerá por muito tempo.

É possível especular sobre a orientação secessionista a ser adquirida após a saída das forças armadas estadunidenses. Chefes militares ou líderes locais traçarão novas fronteiras, influenciados pelas quantidades disponíveis de campos petrolíferos. Assim, os habitantes de áreas desprovidas de recursos naturais, a fim de escapar da pobreza, poderão ampliar o número de deslocados, principalmente para as despercebidas Síria e Jordânia, incapazes de prover mais recursos para auxiliar os emigrantes recém-chegados. Em menor escala, Egito e Líbano acolheriam também número expressivo de refugiados.

Antes do início da guerra, a identidade nacional no Iraque sobrepunha-se à religiosa - muçulmana com sunitas e xiitas, cristã com católicos ou sincrética com iaziditas - ou étnica - curdos e árabes - aspecto político necessário para a consolidação e viabilidade administrativa, especialmente a partir da Guerra Irã-Iraque nos anos 80. ([mais...](#))

Zimbábue: renovação ou caos, por Pio Penna Filho

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Robert Mugabe é presidente do Zimbábue desde a sua independência, ocorrida em 1980, ou seja, já são 28 anos no governo. A evolução política recente do país mostra que a democracia não é uma das práticas prediletas do governo de Mugabe. Desde o início da década de 1990 as críticas contra o seu governo vêm aumentando, interna e externamente.

Internamente, a oposição vem ganhando fôlego e é muito provável que tenha vencido o atual pleito em todos os níveis. Já está confirmado que no parlamento o governo perdeu. Externamente, a pressão sobre o governo Mugabe vem aumentando consideravelmente pelo menos desde que foi iniciada a ocupação ilegal e arbitrária de propriedades de zimbabuanos brancos no ano de 2000. O país não faz parte mais, por exemplo, da Commonwealth britânica. Inicialmente havia sido suspenso e depois se retirou por iniciativa própria. Mas não é só isso. Funcionários do governo têm encontrado cada vez mais dificuldades para viagens em missão ao exterior e outras sanções vêm sendo aplicadas contra o governo.

O Zimbábue possui uma população estimada em torno de 12 milhões de pessoas, com duas etnias predominantes, os shonas (71% da população), e os ndebeles (16% da população). Cerca de 66% da população vive em zonas rurais, um dado importante e que se reflete no seu perfil econômico e político. [\(mais...\)](#)

A África na Política Externa Brasileira, por Diego Araújo Campos

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

A política externa independente de San Tiago Dantas e Araújo Castro deu início ao africanismo na política externa brasileira. Passando pelo pragmatismo responsável e ecumênico do governo Geisel e pelo universalismo de Figueiredo, a “autonomia pela distância” que marcou boa parte do período que vai da PEI ao governo Sarney estreitou os laços brasileiros com o continente africano.

O processo de redemocratização apresentou continuidade na aproximação com países africanos. A 1ª Cúpula dos Países Lusófonos e a conseqüente criação do Instituto Interacional de Língua Portuguesa, além das visitas do presidente Sarney e do chanceler Abreu Sodré, mostram que as relações Brasil-África não perderam fôlego. Ademais, o Brasil condenou explicitamente o apartheid sul-africano, restringindo suas relações culturais, comerciais e esportivas com a África do Sul. Em 1986, por proposta brasileira, resolução da ONU aprovou a declaração de Zona e Cooperação do Atlântico Sul - ZOPACAS, com o objetivo do uso pacífico do hidroespaço atlântico pelos Estados ribeirinhos. Na década de 1990, devem -se ressaltar os acordos de Pretória com a África do Sul, os quais representam a retomada das relações plenas do Brasil com aquele país. Outro ponto significativo foi a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que hoje conta com a participação de Guiné Equatorial e Ilha Maurício como membros associados. Há ainda a intensa participação do Brasil, em missões de paz, no continente africano, como exemplifica a United Nations Observer Mission in Angola. ([mais...](#))

Resenha do livro “As relações internacionais da Ásia e da África”, de Paulo Fagundes Vizentini, por Fagner dos Santos Carvalho

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

O mundo atual apresenta mais de 190 países espalhados pelo globo cada qual, com maior ou menor intensidade, mantendo relações com outros Estados e agentes. Acostumamos-nos, todavia, seja pela origem de nossa disciplina ou por pertencermos à América, a focarmos grande parte de nossos estudos das relações internacionais ao que ocorre basicamente no lado não oriental da antiga “cortina de ferro”, passando da Europa aos EUA, até chegarmos à América do Sul.

Entretanto, esse tipo de enfoque já não satisfaz ao profissional que se preocupa em compreender a recente dinâmica internacional. A Ásia, juntamente com os países do Oriente Médio e África, estão cada vez mais presentes nos espaços jornalísticos e é preciso entender o processo pelo qual essas regiões chegaram a este lugar de destaque, para que se produzam análises mais consistentes. E esse é o vácuo na literatura que o livro *Relações Internacionais da Ásia e da África* vem a preencher.

Publicada pela Editora Vozes em 2007, como parte da Coleção *Relações Internacionais*, a obra de Paulo Fagundes Vizentini, Professor Titular de Relações Internacionais da UFRGS, pós doutor em Relações Internacionais pela London School of Economics, coordenador do Centro de Estudos Brasil-África do Sul e pesquisador do Núcleo de Estratégias e Relações Internacionais, perpassa os eventos históricos e conjunturas internacionais que influenciaram e influenciam ainda hoje as regiões da África, do Oriente Médio e da Ásia, em uma linguagem límpida e de fácil compreensão. ([mais...](#))

Governo do Japão oferece bolsas de estudos de pós-graduação

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

O Governo do Japão, por meio de seu Ministério da Educação (MEXT), oferece bolsa de estudos para o programa "PESQUISA (Pós-graduação)". A inscrição, na Embaixada do Japão, será de 14 de abril a 14 de maio de 2008, para os candidatos residentes no Distrito Federal e nos estados de Goiás e Tocantins. Candidatos residentes em outros estados deverão procurar o Consulado Geral do Japão de sua jurisdição.

Os interessados poderão agendar um horário com o orientador de bolsas, que atenderá na Embaixada do Japão, durante o período da inscrição para tirar dúvidas sobre o processo de seleção.

Mais informações podem ser obtidas diretamente no Departamento Cultural da [EMBAIXADA DO JAPÃO](#) em Brasília (SES - Av. das Nações, quadra 811 lote 39 70425-900 Brasília-DF; Tel:(61)3442-4200) ou ainda pelo e-mail japao1@yawl.com.br.

China e Índia - “Chindia”: vasto espaço para a convivência entre diferentes culturas, por Paulo Antônio Pereira Pinto

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Até recentemente, a maioria da leitura disponível sobre China e Índia visava a interpretar um ou outro país a público ocidental. Ademais, os parâmetros de comparação para a RPC eram, quase sempre, o Japão, a Coreia do Sul, ou mesmo Taiwan. Os indianos eram, nesses estudos, associados, inevitavelmente, aos paquistaneses.

No momento, a China parece “descolar-se” do resto da Ásia Oriental, que continua a ser vista com atenção, por sua dinâmica própria. O Paquistão, de sua parte, tornou-se merecedor, s.m.j., de referências a processos em curso no Afeganistão.

China e Índia são, hoje, o foco de comparações inesgotáveis, para os leitores ocidentais, seja a respeito de seus respectivos processos de desenvolvimento econômico, seja quanto à inserção de cada país no cenário internacional, inclusive com o emprego de “soft power”.

Para o observador em Mumbai, no entanto, o mais interessante tem sido o esforço de analistas indianos para explicar, ao seu próprio país, a “China”.

Isto porque, como se sabe, o intenso intercâmbio comercial, a “cross-fertilization” cultural e mesmo a mistura étnica que prevaleciam, havia séculos, entre as duas civilizações, foram suspensos, a partir de 1962, com a guerra fronteiriça entre os dois países. ([mais...](#))

China e Estados Unidos: rivalidades geopolíticas e a questão militar, por João Fábio Bertonha

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

A China é, seguramente, a melhor candidata a superpotência no século XXI, superando, ou, ao menos, igualando o poder dos Estados Unidos. Ela tem uma base territorial e demográfica imensa, dispõe de armas nucleares e forças militares substanciais, sua economia cresce em ritmo acelerado e seu poder cultural e diplomático é grande, com assento, inclusive, no Conselho de Segurança da ONU. A China enfrenta, claro, imensos desafios, mas, entre os potenciais candidatos a potência no novo milênio (União Européia, Rússia, Índia, Japão, Brasil) é a que enfrenta os menores constrangimentos e a que tem o maior potencial.

A primeira grande pergunta, claro, é se a China conseguirá manter seu crescimento econômico acelerado sem uma ruptura do seu sistema político e da estabilidade interna. Se o conseguir, o potencial seguramente se tornará poder efetivo. Se não, as questões que hoje se colocam se tornam inúteis e o país pode mergulhar na instabilidade e até no caos.

Agora, supondo que a China continue em crescimento, a questão imediata que surge é como será o seu relacionamento com a atual superpotência, os Estados Unidos. Guerra ou paz, acomodação ou conflito? Esta é realmente a grande pergunta, que muita gente tenta responder.

É claro que qualquer pessoa que tente vislumbrar como será o sistema internacional do século XXI e o papel dos Estados Unidos e da China no mesmo trabalhará no terreno da indeterminação e, portanto, pode apenas verificar as hipóteses e possibilidades, sem, claro, chegar a conclusões definitivas. Mesmo assim, já é possível pensar alguns cenários para a relação entre os dois “grandes” neste novo século.

Uma hipótese muito comentada na mídia é a de que o mundo do século XXI verá a superação do sistema de Estados-nação que vigora há séculos. Segundo este raciocínio, Estados nacionais como o americano, o chinês ou o brasileiro não significarão mais nada e, portanto, qualquer projeção das grandes potências do futuro seria um exercício sem sentido. ([mais...](#))

A globalização da Amazônia, por Alberto Teixeira da Silva

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Múltiplos campos teóricos e discursivos focam vulnerabilidades e possibilidades de inserção da Amazônia na alta modernidade. No rastro da modernização capitalista, notadamente a partir da emergência de temas como meio ambiente, direitos humanos, narcotráfico, novas tecnologias, erosão das soberanias nacionais e temas vinculados a defesa territorial, a questão da Amazônia ganha relevância na mídia, nos círculos acadêmicos e nas políticas multilaterais.

A Amazônia deixou de ser apenas um desafio para o desenvolvimento sustentável regional e nacional, sendo agora uma questão vital para o desenvolvimento sustentável continental e mundial. Estão em curso processos multidimensionais de globalização da Amazônia. O tema da 'internacionalização' deve ser focado a partir deste prisma. A controvérsia associa a fragilidade do governo brasileiro na proteção da maior floresta do planeta diante da ameaça intervencionista dos países desenvolvidos em nome de salvaguardar o maior "patrimônio ecológico da humanidade". Visões de riquezas do além-mar têm seduzido colonizadores europeus mais remotos, inicialmente Portugal e Espanha, depois outros países que sob a saga da dominação colonial, ergueram empreendimentos e fincaram seus interesses sobre esta vasta porção úmida e tropical. Interesses distintos acompanham de forma dramática a história regional até os dias de hoje, envolvendo matizes ideológicos, ranços nacionalistas, delírios transnacionais, num intrincado jogo político engravidado de significações e simbologias. [\(mais...\)](#)

Política Externa e Soft Power: O Papel da União Européia em Kosovo Independente, por Rafael da Soler

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

A tão antecipada declaração unilateral da independência de Kosovo ocorreu, e nos quase dois meses decorridos desde então algumas previsões puderam ser confirmadas. Dentre as incertezas projetadas, a grande surpresa fica por conta da União Européia (UE), que foi capaz de articular uma política comum sobre Kosovo, a despeito das divergências com relação ao reconhecimento do novo Estado. A importância dessa articulação - tanto para a Política Externa e de Segurança Comum (PESC) como para a futura estabilidade dos Bálcãs - e as perspectivas para a atuação da UE na região são os pontos centrais dessa análise.

O fracasso iminente das negociações entre Belgrado e Pristina mediadas pelos países do Grupo de Contato (Alemanha, Estados Unidos, França, Itália, Reino Unido e Rússia) influenciou os resultados das eleições para o Parlamento de Kosovo realizadas em novembro passado. A vitória do Partido Democrático de Kosovo, cujo líder é o atual primeiro-ministro Hashim Thaçi, já indicava que não havia mais disposição política em se esperar por uma solução concertada com os sérvios. Apesar da forte oposição russa, crescia a expectativa de apoio por parte dos Estados Unidos e dos principais países europeus a uma declaração unilateral de independência, tendo em vista a crescente insatisfação popular com a lentidão na definição do status final da província.

O relatório final apresentado pela troika (tríade diplomática apontada pelo Grupo de Contato) ao Secretário-Geral das Nações Unidas em dezembro indicava o fracasso das partes em alcançar um acordo e os riscos que isso poderia trazer para a estabilidade regional. O esgotamento das negociações abria o caminho para a declaração unilateral de independência, de modo que certos processos puderam ser previstos. A presença militar da OTAN em Kosovo impediria uma reação militar de Belgrado, restringindo a atuação do governo sérvio ao boicote das instituições do novo Estado. A posição russa permaneceria inalterada, e qualquer ato unilateral seria rechaçado. Os Estados Unidos liderariam o reconhecimento da independência kosovar, conferindo alguma credibilidade à declaração. Já as Nações Unidas teriam sua ação limitada pelo impasse entre os membros permanentes do Conselho de Segurança acerca do reconhecimento ou não.

Todos estes processos puderam ser verificados ao longo dos dois últimos meses. Contudo, a posição européia permanecia uma incógnita. A impossibilidade de Bruxelas alcançar uma posição comum prejudicaria profundamente a posição da União Européia como ator relevante no cenário regional, e este era, de fato, um cenário provável. Países como Espanha, Romênia, Chipre e Grécia se opunham ao reconhecimento de uma declaração unilateral, fora do âmbito de negociações da ONU, e isso gerava muita expectativa com relação à posição do bloco. Os fatos mostraram, entretanto, que ainda havia espaço para uma articulação política coerente. ([mais...](#))

A Independência do Kosovo: Uma Peça no Complicado Jogo da Rússia, Estados Unidos e União Européia, por Adalgisa Bozi Soares

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

A independência do Kosovo, ocorrida em fevereiro de 2008, já era esperada há algum tempo. Desde 2005, a questão do status da província sérvia voltou à agenda do Conselho de Segurança das Nações Unidas, embora as negociações nesse órgão estivessem travadas há alguns meses. Desde então, houve várias tentativas de negociação, no âmbito do Contact Group e da Troika, formada por representantes dos Estados Unidos, União Européia e Rússia, todas paralisadas pelo apoio russo à Sérvia, que se recusava em negociar a independência do território que considera o berço de sua civilização.

As aspirações kosovares ganharam apoio de vários estados europeus e dos Estados Unidos a partir do plano Ahtisaari, apresentado ao Conselho de Segurança em março de 2007. Esse plano levou o nome de seu criador, o Representante do Secretário-Geral no Kosovo, que havia chegado à conclusão que a província já não poderia ser entregue à administração sérvia, e que a única maneira de tornar a região estável seria com o estabelecimento de uma democracia multiétnica. Na tentativa de impedir uma retomada dos conflitos étnicos sangrentos que marcaram a desintegração da antiga Iugoslávia, o plano Ahtisaari garantiu vários direitos especiais para as minorias nos poderes judiciário, legislativo e executivo do novo país, reservando cotas generosas, principalmente às minorias sérvias, superiores à porcentagem real dessas minorias na população, além de estabelecer mecanismos que garantam que os grupos étnicos minoritários devem estar de acordo com qualquer votação legislativa. Quanto à comissão constituinte, serão seis membros das minorias dentre os 21 membros da comissão - isso considerando que mais de 90% da população é albanesa.

O compromisso do governo kosovar em cumprir as diretrizes do plano Ahtisaari, como expresso na Declaração de Independência, não impediu episódios violentos, principalmente na região norte, onde se concentra a maioria dos sérvios residentes do Kosovo, tendo a UNMIK reportado que membros do governo sérvio participaram de algumas manifestações. [\(mais...\)](#)

Teses sobre o novo império e o cenário político-estratégico mundial: Os Estados Unidos e o Brasil nas relações internacionais, por Paulo Roberto de Almeida

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Uma pequena, mas necessária, introdução

Vou propor algumas teses simples e diretas sobre o papel dos EUA no atual cenário da segurança internacional. Antes, contudo, preciso adiantar que parto de uma premissa fundamental para a discussão dessa questão e para meus propósitos explicativos: a segurança estratégica de um país tão “aroniano” e tão “westfaliano” como os EUA, não pode ser diferenciada ou separada das demais condições econômicas e ambientais que se traduzem em segurança para os negócios e para a vida dos seus cidadãos, o que significa a manutenção de um ambiente competitivo, externa e internamente, aberto aos méritos privados e às capacidades individuais, o que corresponde, exatamente, ao que são, em sua essência fundamental, os EUA. Para resumir o sentido geral dos argumentos contidos neste texto, eu diria, retomando o subtítulo deste ensaio, que os EUA configuram, no contexto internacional atual, duas características básicas: um poder aroniano e um Estado westfaliano. A noção aroniana remete, obviamente, às raízes do pensamento do grande cientista social francês, Raymond Aron, em especial a seus estudos sobre a guerra e a paz. Já o adjetivo histórico westfaliano se refere aos esquemas de reconhecimento recíproco da soberania exclusiva e excludente dos Estados-nações partícipes de um sistema de relações internacionais. De uma parte, os EUA são um poder aroniano por excelência, ou seja, um Estado que soube, melhor do que qualquer outro, no concerto de nações, conjugar e combinar os dois vetores essenciais de qualquer capacidade de projeção internacional. Esses vetores são constituídos, de um lado, por uma presença dilatada e ativa nos mais diversos foros e cenários abertos à sua diplomacia e, de outro, por uma poderosa ferramenta de afirmação do seu poder primário, isto é, sua força militar, que permanece incontestável desde um século aproximadamente. O diplomata e o soldado, ainda que o primeiro apareça como bem menos eficiente do que o segundo, são os instrumentos sempre presentes da afirmação internacional ímpar desse hegemon relutante, desse decisor incontornável, de última instância, nos assuntos de segurança internacional e desse árbitro unilateral, por vezes arrogante, das questões de segurança de outros países, incapazes, por sua própria vontade e poder, de dirimir certas contendas ou de afastar certas ameaças. De outra parte, os EUA constituem também um Estado radicalmente westfaliano, no sentido em que eles serão, provavelmente, a última nação do planeta disposta a ceder soberania a qualquer entidade intergovernamental, internacional ou supranacional que possa ser chamada a exercer, pela evolução natural ou dirigida do direito internacional, competências reguladoras ou decisoras infringindo o mandato original conferido ao seu congresso, vale dizer, ao povo dos EUA. Contrastando com outras nações, da Ásia do Sul à América Latina, passando sobretudo pela Europa, mas também pelo Oriente Médio e pela África, que consentem em renunciar, por vezes alegremente, à sua soberania – em políticas macro e setoriais, em questões monetárias e até em matéria de defesa –, os EUA não são sequer relutantes quanto a isso: eles simplesmente não cogitam em colocar qualquer aspecto de sua soberania exclusiva, política, econômica e a fortiori militar, nas mãos de qualquer outro poder político que não seja o seu próprio Congresso e, em última instância, o seu povo. A China talvez possa ser um Estado tão “westfaliano” quanto os EUA, mas ela é muito pouco aroniana em sua natureza profunda e em seu modo de ser. Em suma, estamos falando, no caso dos EUA, de uma democracia irreduzível e indivisível, isto é, não solúvel nas águas do direito internacional e não fracionável em partes menores. Dito isto, vejamos, em primeiro lugar, quais seriam as minhas poucas teses, simples, sobre a natureza essencial do poder dos EUA, para depois examinar, numa segunda etapa, seu papel na segurança internacional. [\(mais...\)](#)

Inscrições abertas para bolsas de jornalismo na ONU

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

O Fundo de Bolsas Dag Hammarskjold para Jornalistas está aceitando inscrições de jornalistas profissionais de países em desenvolvimento para seu programa de bolsas 2008. As inscrições vão até 25 de abril.

As bolsas estão disponíveis para jornalistas de rádio, televisão, imprensa e Internet, de 25 a 35 anos em países em desenvolvimento que estão interessados em viajar a Nova York para cobrir relações internacionais durante a 63ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. A bolsa começa em meados de setembro e vai até final de novembro, incluindo custos de viagem e acomodação em Nova York, além de uma quantia diária.

O programa de bolsas está aberto a jornalistas da África, Ásia, América do Sul ou Caribe, que trabalham em horário integral para uma organização de mídia em um país em desenvolvimento. Os candidatos devem demonstrar interesse e compromisso com questões internacionais e transmitir uma melhor compreensão sobre as Nações Unidas a leitores e espectadores.

A seleção dos bolsistas 2008 será realizada em junho.

Perguntas sobre o programa, elegibilidade e processo de inscrição podem ser dirigidos ao e-mail info@unjournalismfellowship.org, ou visite (em inglês) www.unjournalismfellowship.org.

Curso “A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO: GESTÃO DO CICLO DO PROJETO” - NUPRI-USP

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

O Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo - NUPRI-USP informa que estão abertas as inscrições para o Curso “A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO: GESTÃO DO CICLO DO PROJETO” que acontecerá aos sábados, de 26 de julho a 3 de agosto, das 9h às 13h. O curso tem 36 horas de duração.

Informações adicionais podem ser obtidas [aqui](#).

A crise tripartite: entre revitalização do multilateralismo e regionalização da questão das FARC, por Pablo P. Sampedro Romero

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

A América do Sul assistiu nos últimos meses ao que teria sido uma das piores crises diplomáticas na sub-região andina. Em apenas 48 horas, as relações entre Colômbia, Equador e Venezuela deterioraram-se substancialmente: a intervenção do exército colombiano, realizada na província equatoriana de Sucumbíos, em 1º de março deste ano, resultou não somente na morte do segundo comandante das Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia (FARC), Luis Edgar Devia Silva - vulgo "Raúl Reyes", mas também na execução de outras vinte e cinco pessoas, dentre as quais um cidadão equatoriano e cinco mexicanos. O governo equatoriano teria sido notificado por Álvaro Uribe algumas horas depois da intervenção, o que desencadeou, uma crise diplomática que culminou com o corte de relações entre os dois países, a mobilização de tropas venezuelanas ao longo da fronteira com a Colômbia e uma série de acusações e denúncias abertas entre os três governos.

A relevância da crise enquanto objeto de análise se explica por representar um momento crítico na tendência de fragilização dos mecanismos de diálogo bilateral entre os países andinos. Ademais, a crise - que foi apontada como uma das mais delicadas tensões diplomáticas da sub-região andina - ganhou visibilidade em razão do envolvimento de diversas organizações de cooperação multilateral em âmbito sub-regional, regional e hemisférico, que não somente contribuíram para a normalização das relações entre os países, mas que também tiveram suas agendas políticas reacendidas pelo evento. Além disso, se encarada dentro de uma dinâmica mais complexa, a crise apresenta repercussões locais, regionais e hemisféricas importantes, na medida em que está diretamente relacionada ao que seria um processo de transbordamento do conflito das FARC. ([mais...](#))

Ajustes e desajustes do sistema sul-americano, por Thiago Gehre Galvão

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Crises com desfechos diplomáticos são uma regularidade da vida internacional, mas crises sucessivas, com o recurso intensivo à instituição diplomática, são um sinal de que a governabilidade do sistema está perdendo espaço para forças desagregadoras, capazes de desestabilizar e fraturar ordens estabelecidas por normas e compromissos mútuos. Desta forma, percebe-se que a América do Sul ajusta seu quadro de interações inter-sistêmicas ao mesmo tempo em que sofre desajustes ocasionais e contingenciais.

[\(mais...\)](#)

Sucessão presidencial em Cuba: a abertura “lenta, segura e gradual” de Raúl Castro, por Rodrigo Wiese Randig

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

A edição de 18 de fevereiro de 2008 do Granma, principal periódico cubano, marcou a história da ilha caribenha ao trazer a carta de renúncia ao poder do “Comandante-em-Chefe” Fidel Castro Ruz, após quase meio século à frente do governo da ilha. À semana seguinte, os deputados da Assembléia Nacional elegeriam Raúl Castro, irmão mais novo de Fidel, como novo presidente de Cuba.

Apesar da relevância histórica desse marco, suas implicações práticas podem ser minimizadas: Raúl já detinha o poder desde a ocasião em que Fidel tivera de submeter-se a uma delicada cirurgia no estômago, em julho de 2006. Na ocasião, o poder fora automaticamente transferido a Raúl, à época vice-presidente. Sua posterior efetivação como novo governante do país não constituiu nenhuma surpresa, pois além de Ministro da Defesa e segundo membro na hierarquia do Conselho de Estado e do Partido Comunista, Raúl já havia, em diversas ocasiões, sido mencionado por Fidel como seu “sucessor natural”.

A inexistência de grandes mudanças na condução política do país desde a transferência “temporária” de poder a Raúl, em 2006, implicou que não se tenha visto de imediato a renúncia oficial de Fidel, quase dois anos depois, como um verdadeiro ponto de inflexão na vida dos onze milhões de habitantes da ilha.

[\(mais...\)](#)

Resenha de “As relações em eixo franco-alemãs e as relações em eixo argentino-brasileiras: gênese dos processos de integração”, de Raquel Cristina de Caria Patrício, por Danilo Vergani Machado

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

O livro ora apresentado é resultado da tese de doutoramento da autora apresentada ao Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília no ano de 2005, cujo reconhecimento a equivalência da tese pela Universidade Técnica de Lisboa já fora realizado. Obra de fôlego, trás em seu bojo a tarefa de reescrever o velho e apresentar um novo olhar, a partir da teoria das relações internacionais, sobre os processos de integração europeu e sul-americano.

O ponto de partida é o biênio 1870-1871, período que corresponde a um rearranjo de forças, tanto para as relações entre França e Alemanha, quanto para Argentina e Brasil. Por um lado, a unificação alemã após a guerra franco-prussiana marca o surgimento de um Estado centralizado e forte economicamente a fazer frente aos interesses hegemônicos da França, por outro, a Guerra do Paraguai consolida o fortalecimento político argentino - antes fragmentado - e a reestruturação da órbita de influências na Bacia do Prata. A partir deste contexto, busca-se reconstruir o longo caminho pelo qual estes países realizaram seus processos de aproximação e dessa forma, avaliar: primeiro a possibilidade de se equiparar o papel das relações bilaterais entre os casos de Argentina-Brasil e Alemanha-França em relação aos respectivos processos de integração; segundo, considerar em ambos os casos as relações bilaterais como relações em eixo; por fim, saber se é possível creditar aos dois eixos, a função de elemento determinante da gênese dos processos de integração. ([mais...](#))

Novo governo de Berlusconi: a questão da governabilidade e os desafios domésticos, por Diogo Mamoru Ide

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Se há uma palavra que descreve bem o sistema político italiano nas últimas décadas, essa palavra certamente é “instabilidade”. Explica-se: nos sessenta e três anos seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial, o poder político italiano foi revezado por nada menos do que sessenta e dois governos. O que acontece é que a grande descentralização existente em torno de diversos partidos políticos pequenos e a consequente necessidade de contar com vários desses partidos para formar uma coalizão acaba por engessar todas as formas de liderança política. Nesse ambiente, qualquer medida contrária aos interesses de um grupo é seguida pela saída de tal grupo do governo, o que acaba minando a governabilidade deste último.

É notável, portanto, que no resultado das eleições parlamentares de meados de abril passado apenas seis partidos tenham conseguido assentos no parlamento. Partidos outrora significativos, como os Partidos Comunista e Verde, não elegeram sequer um representante. Parece ocorrer uma tendência na Itália de aproximação aos sistemas políticos bipartidários vistos nos EUA e na Inglaterra. Cabe questionar, no entanto, em que medida esse enxugamento de partidos menores irá, de fato, conferir maior governabilidade à coalizão do novo Primeiro-Ministro eleito, Silvio Berlusconi.

Esse será o terceiro mandato de Berlusconi como Primeiro-Ministro da Itália. Seu primeiro mandato, resultado de forte campanha midiática em seus meios de comunicação, durou apenas poucos meses (março a dezembro de 2004). A saída do partido anti-imigração de direita, Liga do Norte, da coalizão forçou-o a pedir o afastamento. Entre os principais motivos estavam o não cumprimento do pacto eleitoral e a perda de alguns de seus políticos para o Partido de Berlusconi, Forza Italia. ([mais...](#))

Se Hayek conhecesse o “socialismo bolivariano” ..., por Tiago Wolff Beckert

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Bolívia e Venezuela mantêm-se coerentes aos ideais e às políticas “bolivarianas” que trazem tais países até os dias atuais - o termo aplica-se principalmente à Venezuela, mas tomarei a liberdade de inferir do discurso governista boliviano o mesmo caráter. Nas últimas semanas, ambos os governos anunciaram nova série de medidas e de decretos que aprofundam o tal “socialismo bolivariano” em seus Estados. É importante, sem dúvida, não desconsiderar as diferenças existentes entre os dois países, que fazem com que o presidente boliviano Evo Morales não possua as mesmas condições domésticas do que o presidente venezuelano Hugo Chávez para personificar o poder e capturar o sistema político. Por outro lado, algumas políticas dos dois países podem ser comparadas - pode-se, ainda, adentrar no plano das idéias e das vontades dos líderes -, e serão essas as trabalhadas nesse texto. Destaca-se que o esforço analítico não corresponde - ao menos, não necessariamente - a uma opinião política e ideológica do autor do escrito. De outra forma, ele consiste na aplicação de um substrato teórico considerado adequado, apesar de não ser explicação única ou consensual - podendo ser utilizado, também, como forma de compreender o tema por um ponto de vista diverso do que aquele normalmente utilizado pelo seu autor.

Na data de primeiro de maio desse ano, o governo boliviano nacionalizou a principal companhia telefônica do país, Entel, e outras quatro empresas petrolíferas (Transredes, Andina, Chaco e CLHB). Associadas ao histórico de medidas tomadas durante todo o governo do presidente Evo Morales (tais como a restrição à liberdade de imprensa, o excesso de decretos, o viés do projeto de nova constituição) e às críticas feitas a alguns métodos políticos utilizados por Morales, como o esvaziamento da oposição na Assembléia Legislativa no momento em que quer aprovar medidas de seu interesse, tais medidas aprofundam as convulsões políticas e sociais expressas no interior do país - com ápice no referendo que busca a autonomia do departamento de Santa Cruz (o mais rico do país), realizado no último dia 04 de maio. [\(mais...\)](#)

A vigésima Reunião de Cúpula da OTAN em Bucareste: Europa entre Estados Unidos e Putin, por Xaman Korai Pinheiro Minillo

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Com o fim da Guerra Fria, o cenário de segurança internacional mudou drasticamente. Conceitos como globalização e regionalização dominaram os debates e já não se podia mais analisar a esfera internacional por meio de pólos de poder. A agenda internacional de segurança se estendeu transcendendo os conflitos entre Estados e o próprio conceito de segurança foi desdobrado para além de aspectos militares, propiciando alteração na óptica com que se confrontavam as ameaças internacionais. A esfera de segurança já não mais era restrita ao conflito bipolar que se estendia dos pólos a suas esferas de influência, cresciam os conflitos intra-estatais e guerras assimétricas, entre estados e atores não estatais, se proliferavam. A globalização surgia como nova tendência, diminuindo distâncias e abrandando fronteiras e, em contraposição a sua força, a regionalização também se fortaleceu.

Nesse contexto, a OTAN, uma organização gerada na conjuntura bipolar durante a Guerra Fria para a proteção da Europa, foi confrontada pela necessidade de adaptação às novas dinâmicas de segurança internacional, as quais tem respondido se envolvendo em operações como aquelas nos Bálcãs e no Afeganistão; a comunidade internacional conta com a OTAN para coordenar as atividades de construção de paz ou mesmo de combate, e a organização espera que seus membros forneçam contribuições e fortaleçam suas capacidades.

A aliança tem desenvolvido planos de alargamento e transformações para melhor se inserir na conjuntura do século XXI, e a 20ª Reunião de Cúpula da OTAN ocorrida entre 2 e 4 de abril em Bucareste, Romênia é parte dessa estratégia. A reunião faz parte de um conjunto de encontros que começou com a Cúpula de Riga em 2006 e deve ser concluído com a Cúpula de 60 anos da organização em 2009. A Cúpula de Bucareste foi um dos maiores eventos da organização, contando com grande número de participantes, encontros com parceiros como o Conselho OTAN-Rússia e Comissão OTAN-Ucrânia e uma agenda que lidava com os temas de inserção de novos membros, as operações no Afeganistão e Kosovo, parcerias e mudanças na organização. ([mais...](#))

Cambio con continuidad o continuidad sin cambio: um balanço dos 150 dias de governo de Cristina Kirchner, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Cambio con continuidad. Por meio desse paradoxo, Cristina Kirchner, que assumiu a presidência argentina em dezembro de 2007, definiu, ainda durante a campanha eleitoral, o seu governo. Cristina, que sucedeu seu marido Néstor Kirchner na liderança do país, buscava, assim, contrapor-se às previsões quase unânimes de que seu governo seria uma mera extensão do anterior. Passados quase 150 dias desde a sua posse, qual dos dois lados do paradoxo predominou nas políticas interna e externa argentinas: cambio o continuidade?

A eleição de Cristina Kirchner não enfrentou grandes obstáculos. Diferentemente de seu marido, eleito em 2003 por pouco mais de 20% dos eleitores argentinos, Cristina venceu as eleições com o significativo percentual de mais de 45% dos votos válidos. Baseada na popularidade do seu marido, no crescimento da economia argentina e em suspeitas de uso da máquina estatal, a sua candidatura deu pouco espaço para rivais. A segunda colocada teve apenas cerca da metade dos seus votos. A vitória de Cristina confirmou, dessa forma, o apoio da maioria do povo argentino aos Kirchner e viabilizou as ambições de seu marido de continuar, mesmo indiretamente, no comando do país. Já há quem fale, ironicamente, em “dinastia Kirchner”.

Nesse sentido, não é surpreendente que quase todos os prognósticos de analistas políticos apostassem na continuidade das políticas interna e externa argentinas. Por trás da inédita eleição democrática de uma mulher para o mais alto posto do país, eles enxergavam a manutenção do mesmo projeto político, evidenciada pelas declarações e pelo programa de governo de Cristina. Ainda assim, a então candidata se esforçou para diferenciar a sua imagem da sombra de seu marido. Além do uso da imprecisa idéia de cambio con continuidad, sua campanha mencionou a correção de “alguns erros” feitos pelo governo anterior. As expectativas de maior alteração, contudo, concentraram-se na política externa, à qual Néstor Kirchner tinha verdadeira aversão; durante as eleições, Cristina prometeu maior engajamento nos assuntos externos, sobretudo os regionais. Seu discurso de posse, com efeito, confirmou as expectativas: ao lado de uma agenda de predominante continuidade de políticas internas, a nova presidenta argentina, como ela gosta de ser chamada, destacou a política externa como um dos eixos principais de seu governo.

[\(mais...\)](#)

Balanço das relações Rússia-Geórgia: instrumentalização do separatismo em estratégias de afirmação regional, por Pablo P. Sampedro Romero

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Tensões na relação entre Rússia e Geórgia têm sido uma constante desde a Revolução das Rosas, que instaurou no poder o presidente Saakashvili em um contexto de mobilização popular e redemocratização. As declarações do governo russo, realizadas entre março e abril de 2008 representaram o estopim de uma nova crise nas relações entre os dois países e parecem ter bastante significado analítico na medida em que apresentam desdobramentos no âmbito regional, em um espaço historicamente marcado por instabilidade política e sensibilidade estratégica.

Dois anúncios do governo russo foram particularmente significativos no processo de escalada de tensões entre os países vizinhos. Em 8 de março, a Duma aprovou a retirada da Rússia do regime de sanções contra as repúblicas separatistas da Abkházia e da Ossétia do Sul, que haviam sido estabelecidas no âmbito da CEI. As motivações do governo russo seriam, e termos oficiais, de natureza exclusivamente socioeconômica e humanitária, visando ao desenvolvimento de economias devastadas pelo conflito. No mês seguinte, o ex-presidente Putin lançou instruções para que fossem estabelecidas relações jurídicas entre a Federação Russa e os governos separatistas, no intuito de criar “mecanismos abrangentes de defesa de direitos, liberdades e interesses legais de cidadãos russos” residentes na Abkházia e na Ossétia do Sul. A segunda declaração foi acompanhada de um plano para normalização das relações com a Tblissi, afetadas desde 2006. As declarações russas foram, entretanto, seguidas de agressiva reação por parte do governo georgiano, que acusou Moscou de estar procedendo à anexação de facto das repúblicas e levou a questão ao Conselho de segurança da ONU. [\(mais...\)](#)

Separatismo na Geórgia: Considerações Geopolíticas e Etnicidades, por Adalgisa Bozi Soares

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Desde o fim da União Soviética, a Geórgia tem sido palco de conflitos separatistas, principalmente nas regiões da Ossétia do Sul e da Abkázia. À primeira vista, a situação entre essas regiões e a Geórgia poderia ser vista como um conflito intraestatal resultante dos princípios às vezes antagônicos da auto-determinação dos povos e da soberania estatal. No entanto, o apoio da Rússia às duas das regiões separatistas demonstra a grande importância geopolítica e estratégica da questão. Dada a complexidade da situação, uma abordagem sistêmica deve ser complementada com outros elementos, entre eles a animosidade entre as diversas etnias. [\(mais...\)](#)

A atuação da comunidade internacional como um imperativo para a resolução da crise mundial de alimentos, por Wilson Tadashi Muraki Junior

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Os recentes aumentos nos preços de alimentos básicos têm tido um poder de desestabilização dramático, não somente por causa da rapidez com que têm acontecido, mas também pelos altos impactos que concretamente têm provocado e potencialmente podem demonstrar. Em menos de um ano, o trigo teve a sua cotação média mais do que dobrada, ao passo que a soja, o arroz e o milho sofreram aumentos da ordem de 80%, 70% e 30% respectivamente. Tais produtos estão na base da alimentação da maior parte da população do planeta e, dessa forma, países do leste asiático têm sofrido tanto com o aumento do arroz quanto o México o tem com o aumento internacional do preço do milho, base das tortillas, por exemplo. A questão, dessa forma, evidencia-se mundial e com conseqüências sombrias para a humanidade como um todo, e isso exige que uma resposta global e articulada entre os vários atores seja encontrada.

Desde o segundo semestre do ano passado, revoltas e manifestações têm acompanhado a elevação mundial do preço dos alimentos. À medida que se tornava mais difícil adquirir alimentos cada vez mais caros com a mesma quantia monetária, a insatisfação popular começava a tomar conta das ruas. E isso vem ocorrendo de forma sistemática em várias partes do planeta: a virtual impossibilidade de aquisição de alimentos de primeira necessidade esteve na base das revoltas no México em janeiro deste ano, no Egito em fevereiro e em vários outros países africanos (Burundi, Gana, Guiné-Bissau, Quênia, República Democrática do Congo, Somália, Uganda, etc.) e asiáticos (Bangladesh, Coréia do Norte, Indonésia, Iraque, Nepal, Paquistão, etc.). No Haiti a situação também é dramática. De forma geral, as famílias mais pobres de todo o planeta (inclusive nos Estados Unidos) já sofrem com a inflação alimentar, mas o maior potencial de desestabilização está nos países em desenvolvimento, que tem menor capacidade de lidar com a atual situação e que são os que sofrem de forma mais intensa. ([mais...](#))

Boletim Meridiano 47 - No. 93 - Abril/2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

China e Estados Unidos: rivalidades políticas e a questão militar, por João Fábio Bertonha

Teses sobre o novo império e o cenário político-estratégico mundial: os Estados Unidos e o Brasil nas Relações Internacionais, por Paulo Roberto de Almeida

Ajustes e desajustes do sistema sul-americano, por Thiago Gehre Galvão

Se Hayek conhecesse o “socialismo bolivariano”..., por Tiago Wolff Beckert

Iraque: a emergência do conflito civil, por Virgílio Arraes

A atuação da comunidade internacional como um imperativo para a resolução da crise mundial de alimentos, por Wilson Tadashi Muraki Junior

China e Índia - “Chindia”: vasto espaço para a convivência entre diferentes culturas, por Paulo Antônio Pereira Pinto

Notas sobre a globalização na Amazônia, por Alberto Teixeira da Silva

Separatismo na Geórgia: considerações geopolíticas e etnicidades, por Adalgisa Bozi Soares

A África na Política Externa Brasileira, por Diego Araujo Campos

Novo governo de Berlusconi: a questão da governabilidade e os desafios domésticos, por Diogo Mamoru Ide

Zimbábue: renovação ou caos, por Pio Penna Filho

Política externa e *Soft Power*: O papel da União Europeia em Kosovo Independente, por Rafael da Soler

Sucessão presidencial em Cuba: a abertura “lenta, segura e gradual” de Raúl Castro, por Rodrigo Wiese Randing

A crise tripartite: entre revitalização do multilateralismo e regionalização da questão das FARC, por Pablo P. Sampedro Romero

Cambio con continuidad o continuidades sincambio: um balanço dos 150 dias de governo de Cristina Kichner, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro

A vigésima Reunião da Cúpula da OTAN em Bucareste: Europa entre Estados Unidos e Putin, por Xaman Korai Pinheiro Minillo

Acesse a edição completa em formato html - [clique aqui](#)

Acesse a edição completa em formato pdf - [clique aqui](#)

Boletim Mundorama - No. 8 - Abril/2008

By Mundorama | Volume 2 - No. 8 - Abril - 2008

Artigos

- China e Estados Unidos: rivalidades políticas e a questão militar, por João Fábio Bertonha
- Teses sobre o novo império e o cenário político-estratégico mundial: os Estados Unidos e o Brasil nas Relações Internacionais, por Paulo Roberto de Almeida
- Ajustes e desajustes do sistema sul-americano, por Thiago Gehre Galvão
- Se Hayek conhecesse o “socialismo bolivariano” ..., por Tiago Wolff Beckert
- Iraque: a emergência do conflito civil, por Virgílio Arraes
- A atuação da comunidade internacional como um imperativo para a resolução da crise mundial de alimentos, por Wilson Tadashi Muraki Junior
- China e Índia - “Chindia”: vasto espaço para a convivência entre diferentes culturas, por Paulo Antônio Pereira Pinto
- Notas sobre a globalização na Amazônia, por Alberto Teixeira da Silva
- Separatismo na Geórgia: considerações geopolíticas e etnicidades, por Adalgisa Bozi Soares
- A África na Política Externa Brasileira, por Diego Araujo Campos
- Novo governo de Berlusconi: a questão da governabilidade e os desafios domésticos, por Diogo Mamoru Ide
- Zimbábue: renovação ou caos, por Pio Penna Filho
- Política externa e *Soft Power*: O papel da União Europeia em Kosovo Independente, por Rafael da Soler
- Sucessão presidencial em Cuba: a abertura “lenta, segura e gradual” de Raúl Castro, por Rodrigo Wiese Randing
- A crise tripartite: entre revitalização do multilateralismo e regionalização da questão das FARC, por Pablo P. Sampedro Romero
- Cambio con continuidad o continuidades sincambio: um balanço dos 150 dias de governo de Cristina Kichner, por Marcos Paulo de Araújo Ribeiro
- A vigésima Reunião da Cúpula da OTAN em Bucareste: Europa entre Estados Unidos e Putin, por Xaman Korai Pinheiro Minillo